

A construção do saber

O sociólogo António Barreto elencou numa página do jornal *Público*, para melhor as sujeitar a exame, algumas ideias feitas sobre o ensino em Portugal. Uma delas é que «a universidade existe para ensinar». Logo um professor do ensino secundário lhe saiu ao caminho, admiradíssimo, interrogando-se e interrogando-nos: «Mas para que mais é que pode servir?»

A culpa da ignorância do professor poderá não ser só dele. Será obviamente também da universidade onde deve ter andado pelo menos quatro anos, tempo esse que, pelos vistos, não foi suficiente para ter reparado na primeira função de uma escola superior. Podia ao menos ter lido os livros do autor que pretendia contradizer, para melhor preparar a sua crítica. Se o tivesse feito, teria reparado que António Barreto, no seu livro *Os Silêncios do Regime*, saído em 1992 na Editorial Estampa, fazia a necessária pedagogia:

As universidades portuguesas sempre fizeram sobressair, entre todas, a função primordial do ensino. Isto, em detrimento do que deveria ser o seu principal objectivo: o conhecimento. Ou, noutras palavras, a aquisição, o desenvolvimento, a crítica e a renovação do conhecimento. [...] Consagrado o primado do ensino, termos como

«cientista» ou «investigador» têm pouco uso nas nossas escolas, ao contrário de «docente», na sua mais redutora visão.

Um outro autor, o matemático João Queiró (in *A Universidade Portuguesa — Uma Reflexão*, Gradiva, 1995), disse o mesmo por outras palavras:

A universidade é um sítio onde se estuda. Não é um sítio onde se ensina, muito menos um sítio onde se avalia, muito menos ainda um sítio onde se passam diplomas.

Essa função primordial da universidade não é nova. Foi enunciada pelo alemão Kilhelm von Humboldt no século XIX: a universidade serve, em primeiro lugar, para investigar, serve também para disseminar cultura e serve, ainda, para ensinar. Esta missão plural da universidade contrasta com a função exclusiva de formação profissional que prevaleceu na Idade Média, quando as faculdades principais eram Teologia, Cânones (Direito Canónico), Leis e Medicina. Modernamente, acrescenta-se à trilogia de Humboldt a prestação de serviços à comunidade, a qual nem sempre se faz sem prejuízo da criação de saber ou da difusão de cultura.

Numa universidade que se preze, em primeiro lugar cria-se, constrói-se saber. Se assim não fosse, o ensino aí professado depressa se tornaria ancilosado. Ensinar-se-iam repetida e acriticamente as mesmas matérias ... Uma universidade em que só se ensina devia antes ser chamada liceu superior. O crítico de Barreto deve ter frequentado um liceu superior, mero retransmissor de conhecimentos, formador (formador? talvez melhor informador) de pessoas que poucas possibilidades terão de criar conhecimento original.

A investigação consiste precisamente na construção de novo saber. Poder-se-ia fazer um inquérito sociológico e perguntar à população nacional o que é investigar. Para alguns, os que só andaram num liceu ou num liceu superior, investigar talvez seja sinónimo de ler. De facto, quem investiga lê muito. Mas ler não é sinónimo de investigar (está equivocado aquele professor universitário que afirmou que investigava, sim-senhor, pois até lia o livro para

preparar as suas aulas). Talvez outros associem a investigação à pesquisa criminal. Com efeito, um agente da Polícia Judiciária é vulgarmente conhecido por investigador. Talvez esta aceção esteja mais próxima da verdadeira do que a anterior. Sherlock Holmes, ao descobrir o autor de um crime, está afinal a fazer algo parecido com o que faz um investigador científico.

Qual é então uma boa definição de investigação? Investigar é realizar uma «pesquisa crítica e sistemática, com base por exemplo na experimentação, que se destina a rever conclusões aceites à luz de factos novos.» Repita-se para esclarecimento dos que pensam que investigar é simplesmente ler o que alguém escreveu: «Rever conclusões aceites à luz de factos novos.»

É evidente que investigar não é tarefa trivial. Se o fosse, o número de investigadores seria muito maior. Conforme notou Henry Rosovsky, professor de Economia que foi *dean* da Faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Harvard, em Bóston, e escreveu em 1990 o interessante livro sobre a missão das universidades *University: An Owner's Manual* (vem lá a definição anterior de investigação), mesmo nos Estados Unidos, que tem as melhores universidades do mundo (como precisamente a de Harvard), poucos professores universitários são investigadores. Nas chamadas *research universities*, todos os professores são investigadores, sendo escolhidos justamente pelo seu currículo de investigação. Mas, em muitos *community colleges*, que são a maior parte das escolas superiores, os docentes são pessoas que pouca ou nenhuma ideia terão sobre o que é a investigação. Em Portugal não há ainda bons *rankings* de universidades, mas, quando os houver, semelhante destriça será decerto feita.

Há quem diga que não se pode fazer tudo bem ao mesmo tempo. Um bom investigador não pode ser um bom professor. E um bom professor não pode ser um bom investigador. Se há tempo para uma coisa, não haverá para a outra. Rosovsky pergunta então quais poderão ser as motivações para um aluno ingressar numa *research university*, isto é, uma verdadeira universidade, em vez de ir para um *university college*. E dá a resposta, enumerando três ordens de razões.

- 1) Um professor que também constrói o conhecimento é um optimista. Ele acredita que é possível saber e faz por isso. É uma

pessoa curiosa a respeito do mundo e, portanto, necessariamente mais interessante aos olhos dos seus alunos. Na peça *Jacques Le Fataliste*, que Dennis Diderot escreveu e que Milan Kundera reescreveu, um pessimista afirma repetidamente que «está tudo escrito lá em cima». Ora bem, para um investigador não está tudo escrito lá em cima: pelo contrário, pode escrever-se cá em baixo e ele escreve ...

- 2) Um professor que o for em exclusivo, uma vez atingido o topo da carreira, tende a «enferrujar» ao repetir as mesmas matérias. Mas o mesmo não se passa com um investigador activo, que tem sempre problemas novos em que pensar, locais novos onde ir e pessoas interessantes para conhecer. Escreve artigos e frequenta congressos. O romancista inglês David Lodge diz justamente que as três tecnologias que mudaram a universidade foram a fotocopiadora, o telefone e ... o avião a jacto.
- 3) Embora seja difícil medir a produtividade pedagógica (pode tentar medir-se a qualidade da docência analisando inquéritos dos alunos, mas este processo não deixa de ser falível), é relativamente fácil medir a produtividade científica: basta atentar no número de *papers* aceites, no número de citações que tiveram, no impacte das revistas que os publicaram, etc. É menos provável cometer um erro, ao contratar um professor universitário, atendendo apenas ao seu currículo científico do que atendendo apenas ao seu currículo pedagógico. Claro que a investigação é hoje uma actividade onde nem sempre se respeitam as regras (o pacato Dr. Arrowsmith, do livro de Sinclair Lewis, não se compara aos cientistas em tremenda competição de *A Dupla Hélice*, o livro autobiográfico de James Watson), mas, apesar de tudo, uma avaliação científica é bem mais justa do que uma avaliação pedagógica.

Em resumo: conhecer é uma obrigação essencial da universidade moderna. Sem a construção do saber mal irá a transmissão do saber.

Carlos Fiolhais, "A coisa mais preciosa que temos" Gradiva, Lisboa, 2007.